

Introdução

O golpe militar de 1964 deu início a um tempo em que o país esteve submetido a um regime de repressão política e social controlado pelos governos militares. Partidos e direitos políticos cassados, organizações e movimentos sociais reprimidos, censura à imprensa, prisões políticas, exílio e violência policial são algumas das principais características desse complexo período da história do país, que durou até o ano de 1985.

Num cenário de forte radicalização política, a sociedade encontrava-se dividida aparentemente em dois grandes blocos, a favor e contra a ditadura militar. O presente trabalho tem como pano de fundo o contexto autoritário da ditadura militar, sobretudo no que diz respeito ao campo de oposição e resistência. Meu interesse por esse tema está relacionado, primeiramente, com a experiência de militância dos meus pais, que sempre me despertou curiosidade. Mais tarde, tive a oportunidade de trabalhar como pesquisadora no projeto Memória do Movimento Estudantil (parceria entre a União Nacional dos Estudantes e a Fundação Roberto Marinho), onde ajudei a desenvolver uma pesquisa de fontes primárias e um programa de memória oral sobre o movimento estudantil desde a fundação da União Nacional de Estudantes (UNE), em 1937, até os dias atuais. A partir da pesquisa realizada nesse projeto e principalmente das entrevistas com antigas lideranças do movimento estudantil, cresceu meu interesse sobre o campo de resistência e oposição à ditadura, que percebi ser um campo bastante heterogêneo e diversificado, muito mais complexo do que aquele representado pelos movimentos de luta armada e guerrilha no campo e pelo exílio político, tão presentes na nossa memória coletiva sobre o período.

A primeira dificuldade encontrada foi a de delimitar esse campo e recortar um objeto. Ao refletir sobre a oposição ao regime militar, surgiu um especial interesse em investigar um tipo de resistência intelectual exercida através de grupos profissionais. Havia interesse também em pesquisar especialmente uma oposição liberal-democrática, por notar sua importância para os debates em torno da abertura política. Além disso, interessava-me ainda observar uma atuação que tivesse repercussão pública, o que me levou, finalmente, ao tema do jornalismo político e às colunas do jornalista Carlos Castello Branco, um dos principais

representantes do colonismo político no Brasil.

Castellino, como o jornalista era chamado, escreveu uma coluna política diária no *Jornal do Brasil* durante 31 anos, de 1962 a 1993, numa seção chamada *Coluna do Castello*. Um primeiro contato com as colunas do período da ditadura militar e com a vida e obra de Castellinho me fez perceber que o jornalista poderia ser visto como expressão de um tipo de oposição exercida através do jornalismo político, sua atividade profissional. No período da ditadura, o jornalista conseguiu manter a sua coluna ativa com poucas interrupções, apesar da censura à imprensa e da repressão política.

Todas as *Colunas do Castello*, além de entrevistas, informações biográficas e textos estão disponíveis em um site sobre o jornalista¹, o que facilitou muito o trabalho de pesquisa. A consulta às colunas pode ser feita por data ou por assunto, ou ainda por uma busca avançada em que podemos combinar esses dois parâmetros de pesquisa, recurso bastante utilizado para realização deste trabalho. A *Coluna do Castello* combina o trabalho de reportagem com análise política. Castellinho, que passou por diversos cargos no jornalismo antes de se consagrar como colunista político, valorizava muito a informação factual e o trabalho com as fontes, que incluía discursos, comentários, textos e entrevistas de deputados, senadores e políticos em geral. Construiu com os políticos, sua principal fonte, uma relação de confiança, respeito e credibilidade, o que facilitava o acesso às informações de bastidores.

Para o trabalho de pesquisa, a grande massa de informação factual presente nas colunas foi, ao mesmo tempo, um elemento de riqueza e dificuldade. As informações contribuíram para ampliar meu conhecimento sobre os fatos cotidianos da política do período militar, sobre as diferentes correntes do campo aliado ao regime e sobre a atuação da oposição institucional que existia no Congresso. Por outro lado, nem todas as colunas apresentavam a opinião de Castellinho de forma explícita. Talvez em função da publicação ter sido quase diária, algumas colunas possuíam caráter mais informativo, e outras traziam mais análise e opinião. O desafio foi selecionar trechos que tivessem maior rendimento

¹O site www.carloscastellobranco.com.br é mantido sob supervisão de Luciana Castello Branco, filha do jornalista.

analítico e expressassem o pensamento de Castellinho. Procurei também apresentar os temas mais recorrentes, que constituem elementos fundamentais na análise de Castello sobre a ditadura.

Castellinho se profissionalizou como jornalista político num momento de modernização da imprensa brasileira, décadas de 1940 e 1950. A modernização teve como uma de suas características a organização do campo jornalístico, incluindo a especialização de áreas dentro desse campo. A atuação de Castellinho contribuiu para a formação do perfil profissional do jornalista/colunista político. Podemos dizer que a *Coluna do Castello* é o resultado de uma trajetória profissional toda dedicada a um tipo de jornalismo que valorizava a reportagem, por um lado, e a análise e opinião, por outro. Castellinho trabalhou em diversos jornais ao longo de sua carreira, e exerceu diferentes cargos, desde repórter a secretário de redação, adquirindo a experiência necessária para a construção de um perfil profissional que exigia um rigoroso trabalho de reportagem com análise de conjuntura no ritmo de produção do jornalismo diário.

A experiência de Castellinho fez com que a coluna funcionasse, durante o período da ditadura militar, como um importante instrumento de informação e crítica. Por ter sido inicialmente simpático ao golpe militar, acreditando nas intenções de restabelecimento da ordem e da democracia, e exercendo, pelo menos até o Ato Institucional nº5 em 1968, uma oposição mais moderada, a *Coluna do Castello* sobreviveu à censura durante quase todo o período autoritário e tornou-se referência tanto para o campo da esquerda como para o campo da direita. A crítica exercida pelo jornalista pode ser vista como expressão de um campo de oposição liberal que, tendo se aliado a partir de meados da década de 1970 ao campo da resistência democrática, jogou papel importante no processo de abertura política do país.

Acreditamos que a crítica exercida por Castellinho durante o período da ditadura militar expressa um tipo de pensamento liberal que tem relação com a sua formação e socialização desde a juventude e com a sua profissionalização no campo jornalístico. Sendo assim, o presente trabalho encontra-se estruturado de forma a explorar aspectos da formação social de Castello que dão sentido à interpretação das colunas sobre o período autoritário.

O primeiro capítulo é sobre a transição da juventude de Castellinho em Teresina (PI), sua cidade natal, para a formação intelectual e profissional do jornalista em Belo Horizonte (MG). A primeira parte trata brevemente da origem familiar de Castellinho e sua socialização na capital do Piauí, um estado rural marcado, como veremos, por uma “herança de atraso”. Apesar da origem familiar de classe média urbana e da juventude vivida em Teresina, que, por ser capital, se diferenciava do restante do estado, a saída de Castellinho para Belo Horizonte representou, na percepção do próprio jornalista, uma transição do “atraso” para o “moderno”. A segunda parte do capítulo refere-se à experiência da “mineiridade” de Castellinho, que foi marcante no que diz respeito a sua formação intelectual e ao início da sua profissionalização no jornalismo. Em Belo Horizonte, Castellinho conviveu com uma geração de intelectuais e escritores modernistas num contexto de crescimento e modernização da cidade. Os intelectuais da rua da Bahia, que tinham presença significativa nas redações de jornais, marcaram a sociabilidade de Castellinho em Minas. Além disso, o jornalista estabeleceu relação com políticos mineiros e entrou em contato com um tipo de liberalismo que se mostrou determinante para a formação do seu pensamento. Características da “mineiridade” como moderação, equilíbrio, conciliação conformam um pensamento liberal que, como veremos, parece ter influenciado Castellinho de forma decisiva. Nessa etapa, tratamos também da importância da atuação do jornalista no jornal *Estado de Minas*, mostrando ainda o que significou para Castellinho ter iniciado sua carreira jornalística num momento em que a imprensa encontrava-se sob censura por conta do Estado Novo de Getúlio Vargas. Por fim, a terceira parte do capítulo trata sobre a importância do pensamento de Milton Campos, um dos expoentes intelectuais e políticos de Minas, para a formação de Castello. Nas memórias e colunas do jornalista fica clara a admiração por Milton Campos, de quem o jornalista tornou-se amigo, bem como a afinidade com a “vertente liberal” presente no pensamento do político mineiro.

O segundo capítulo é sobre o desenvolvimento profissional de Castellinho no Rio de Janeiro em tempos de modernização da imprensa, e sobre a criação da *Coluna do Castello* às vésperas do golpe militar de 1964. Na primeira parte, falamos da chegada de Castello ao Rio de Janeiro, em 1945, exatamente no ano em que acaba o Estado Novo. Sua experiência na cidade carioca foi marcada pela

atuação em diversos jornais num período em que se desenvolveu o perfil profissional de jornalista político. Na segunda parte do capítulo, tratamos da passagem de Castellinho pelos jornais cariocas, destacando sobretudo a participação em jornais que foram importantes para o processo de modernização da imprensa dos anos 1950, como o *Diário Carioca*, a *Tribuna da Imprensa* e o *Jornal do Brasil*. O tema da modernização é desenvolvido como forma de contextualizar o processo de profissionalização de Castello, que desenvolve um tipo de colunismo característico de um jornalista que viveu esse momento de transição. Na terceira parte deste capítulo, dando continuidade a trajetória profissional de Castellinho, tratamos da única participação direta do jornalista na atividade política, no período em que foi secretário de imprensa do presidente Jânio Quadros, em 1961. A experiência, como veremos, foi fundamental para Castellinho compreender como funcionava o processo político e ampliou também a sua rede de contatos com os políticos, principal fonte de informação de sua coluna. Por fim, a quarta parte do capítulo trata sobre a entrada de Castellinho no *Jornal do Brasil* e a criação da *Coluna do Castello* no contexto do governo de João Goulart, às vésperas do golpe de 1964. As colunas de Castellinho sobre o governo Goulart são de extrema importância para compreendermos a posição favorável do jornalista em relação ao golpe de 1964, que, como veremos, é mais um elemento que caracteriza a afinidade de Castello com o campo liberal.

O terceiro e último capítulo é dedicado, sobretudo, à análise das colunas de Castello sobre o período da ditadura militar, mostrando nos textos do jornalista elementos que o identificam com o campo da oposição liberal e com um tipo de pensamento que é resultado de sua trajetória, formação e socialização profissional e intelectual. Na primeira parte, julgamos necessário tratar de versões teórico-metodológicas sobre o golpe de 1964 e a ditadura militar, destacando nossa afinidade com a leitura de Luiz Werneck Vianna, para quem o período ditatorial foi um período de “modernização conservadora”, conceituação que nos ajuda a entender e analisar o pensamento de Castellinho. Na segunda parte deste capítulo, fazemos uma breve caracterização do campo de oposição e resistência à ditadura militar, mostrando sua heterogeneidade. Organizamos, metodologicamente, o campo em três principais correntes: a esquerda revolucionária, a resistência democrática e a oposição liberal, mostrando os principais atores políticos desses

campos e suas formas de crítica e luta contra o regime. A organização do campo de oposição mostrou-se importante para situar o Castellinho dentro desse universo. Na terceira e última parte do capítulo, chegamos ao nosso objeto principal: as colunas do Castello no período da ditadura militar. Tratamos de relacionar as colunas aos contextos históricos seguindo a ordem cronológica dos acontecimentos, mas destacando os principais temas de Castellinho nesse contexto, como as motivações primeiras da “revolução”, para usar o termo do próprio Castellinho; a diferença entre a “revolução” e o seu processo; a crítica ao processo de radicalização política; a repressão política e a censura; a relação entre o regime e a opinião pública; a instauração do AI-5 e seu significado; o processo de distensão política desde o governo de Ernesto Geisel. Todos esses temas apontam para uma determinada visão de democracia, também trabalhada na terceira parte do terceiro e último capítulo.

Por fim, apresentamos na conclusão do presente trabalho os elementos que nos parecem particularmente importantes na trajetória do nosso personagem, articulando-os em torno do argumento de que Castellinho pode ser visto como expressão de um campo de oposição liberal que, aliado ao movimento da resistência democrática, constituiu força política importante para o processo de transição democrática no Brasil. Três aspectos são ressaltados na conclusão: socialização de Castellinho em Teresina e Belo Horizonte como fundamentais na formação de uma visão de “liberalismo não burguês”, em que o mercado não tem grande presença no repertório modernizador; a importância do jornalismo e dos jornalistas na constituição de uma linguagem do Brasil moderno; e por último a descrença de Castellinho na capacidade dos militares de realizarem os ideais modernizadores com liberdade, fator que transforma o jornalista num interlocutor da esquerda democrática.